

RYSZARD KAPUŚCIŃSKI

O xá dos xás

Tradução do polonês
Tomasz Barcinski

Posfácio
Dorrit Harazim

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1982 by Ryszard Kapuściński

Este livro recebeu o apoio financeiro do Instituto do Livro polonês
(© Poland Translation Program).



*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Szachinszach

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Ciça Caropreso

Beatriz Antunes

Revisão

Ana Maria Barbosa

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Kapuściński, Ryszard

O xá dos xás / Ryszard Kapuściński ; tradução do polonês
Tomasz Barcinski ; posfácio Dorrit Harazim. 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2012.

Título original: Szachinszach.

ISBN 978-85-359-2018-5

- I. Irã – Política e governo – 1941-1979 I. Harazim, Dorrit.
II. Título.

11-13676

CDD-955.053

Índice para catálogo sistemático:

- I. Irã : Política e governo : História 955.053

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Baralhos, rostos, campos floridos	9
Daguerreótipos	22
A chama morta	138
Posfácio — <i>Dorrit Harazim</i>	185
Crédito das imagens	197

Baralhos, rostos, campos floridos

*Meu bom Deus,
Eu gostaria que não houvesse coisas ruins.
Debbie, Listy dzieci do Pana Boga*
[Cartas de crianças a Deus], ed. Pax, 1978

A bagunça é tamanha que o lugar parece ter passado por uma violenta e nervosa batida policial. Por toda parte jazem papéis atirados a esmo, pilhas de jornais estrangeiros e locais, edições especiais, manchetes que saltam aos olhos informando que

ELE PARTIU

e grandes fotografias de um rosto magro e alongado, no qual é visível o concentrado esforço para não demonstrar nem nervosismo nem derrota — um rosto com traços tão bem-compostos que, na realidade, não demonstrava mais nada. E, junto das fotos, exemplares de outras edições especiais, com data posterior, anunciando de modo febril e triunfal que

ELE RETORNOU

e logo abaixo, preenchendo a página toda, a foto do rosto patriarcal, severo e fechado em si mesmo, sem desejo de expressar coisa nenhuma.

(E entre a partida e o retorno quantas emoções, quantos nervos expostos, quanta fúria e quanto horror, quantos incêndios!)

A cada passo — no chão, sobre as cadeiras, em cima de mesas e escrivaninhas —, folhas soltas de papel, anotações feitas às pressas e de forma tão atabalhoada que preciso fazer um esforço para me lembrar quando foi que anotei a frase “Ele vai iludi-los e prometer-lhes mundos e fundos, mas não se deixem enganar”. (Quem dissera aquilo? Quando, e para quem?)

Ou, então, escrito com lápis vermelho e ocupando quase todo o papel: “Telefonar sem falta para 64-12-18” (mas já se passara tanto tempo que não consigo mais me lembrar de quem era aquele número de telefone e por que teria sido tão importante).

Cartas inacabadas e não enviadas. Eu poderia falar por muito tempo sobre o que vi e sofri aqui por estes lados. Mas é difícil organizar minhas impressões...

É sobre uma grande mesa redonda que reina a maior desordem: fotografias dos mais diversos tamanhos, cassetes com fitas magnéticas, fitas amadoras de 8 mm, boletins, cópias de folhetos — tudo empilhado e misturado como num mercado de pulgas, uma confusão total e sem nenhum sentido. E, ainda por cima, cartazes, álbuns, discos, livros comprados ou recebidos de presente, toda a documentação de um tempo que passou há pouco, mas que ainda pode ser visto e ouvido, porque ficou registrado aqui — num filme: multidões de pessoas fluindo como um rio; numa fita magnética: lamentos dos muezins, gritos de comando, conversas, monólogos; nas fotos: rostos extasiados, em estado de elevação.

Agora, ao me dar conta de que deveria começar a arrumar as coisas (pois o dia da minha partida se aproxima), sou tomado por

um surto de falta de vontade e irresistível cansaço. Devo admitir que sempre que estou num hotel — o que acontece com frequência — gosto de manter um quê de bagunça no quarto, pois cria a impressão de alguma forma de vida; é um sucedâneo da intimidade e do calor; é uma comprovação (na verdade errônea, mas ainda assim uma comprovação) de que um lugar tão estrangeiro e pouco acolhedor quanto um quarto de hotel acabou sendo conquistado e suavizado, mesmo que apenas parcialmente. Ao me encontrar num quarto arrumado com pedantismo, sinto-me entorpecido e solitário; incomodam-me as linhas retas, os cantos dos móveis, a uniformidade das paredes, a indiferente e inflexível geometria — uma arrumação forçada e meticulosa que parece existir apenas para si mesma, sem nenhum vestígio da nossa presença. Felizmente, logo após algumas horas de permanência, toda essa ordem se desfaz e desaparece sob a influência das minhas ações (na verdade, inconscientes e resultantes de pressa ou de preguiça). Todos os objetos adquirem vida própria, começam a se deslocar de um lugar a outro, entrando em mutáveis configurações e alianças. O ambiente começa a ficar apertado e com um aspecto barroco, e, com isso, torna-se mais amigável e familiar. Então, posso relaxar e respirar mais livremente.

Como por enquanto não consigo juntar forças suficientes para tocar em qualquer coisa nesse quarto, desço as escadas para um soturno hall onde quatro homens bebem chá e jogam cartas. Entregam-se a um intrincado jogo, cujas regras não consigo entender. Não é bridge, nem pôquer, nem vinte e um, nem sueca. Eles jogam com dois baralhos e em total silêncio, até que em determinado momento um deles, com um sorriso de satisfação no rosto, recolhe todas as cartas da mesa. Em seguida, distribuem as cartas, colocam dezenas delas sobre a mesinha, refletem, fazem algumas contas e discutem calorosamente enquanto calculam.

Esses quatro homens (funcionários da recepção) vivem às minhas custas, já que, sendo eu o único hóspede do hotel, represento o sustento deles. Além dos quatro, sustento ainda arrumadeiras, cozinheiros, garçons, lavadores de roupa, vigias e um jardineiro, e provavelmente mais algumas pessoas e suas respectivas famílias. Não quero dizer com isso que se eu atrasasse o pagamento da conta essa gente toda morreria de fome, mas, por via das dúvidas, esforço-me para pagá-la em dia. Ainda alguns meses atrás, a conquista de um quarto de hotel teria sido um grande feito, comparável a ganhar na loteria. Apesar da vasta quantidade de hotéis, havia tal avalanche de pessoas que os recém-chegados tinham que alugar camas em hospitais particulares a fim de dispor de um teto. Mas agora tudo mudou; os negócios cessaram, não há mais transações mirabolantes nem dinheiro fácil; os empresários locais trataram de esconder suas cabeças astutas, enquanto seus sócios estrangeiros não demoraram a bater em retirada, deixando tudo para trás. Morreu o turismo, cessou toda a movimentação internacional. Alguns hotéis foram incendiados, enquanto outros estão fechados ou vazios; num deles, os guerrilheiros estabeleceram seu quartel-general. Hoje, a cidade está às voltas apenas consigo mesma — não precisa de estrangeiros; não precisa do mundo.

Os carteadores interrompem o jogo e convidam-me para um chá. Aqui as pessoas bebem somente chá ou iogurte; nada de café nem álcool. Quem consome álcool está sujeito a receber quarenta ou até sessenta chicotadas; e, se o castigo for aplicado por um desses tipos musculosos (em regra, são eles que se revelam os maiores entusiastas da tarefa), ele deixará nossas costas severamente lanhadas. E, assim, bebericamos um chá quente, olhando para a outra extremidade do hall onde, debaixo da janela, está ligado um televisor.

Na tela do televisor surge o rosto de Khomeini.

Khomeini discursa sentado numa poltrona simples de madeira colocada sobre um estrado de tábuas numa das praças de (a julgar pela altura de suas edificações) um bairro pobre de Qom — uma cidade pequena, cinzenta, plana e sem nenhum charme, situada a 150 km de Teerã, numa região desértica, exaustiva e infernalmente quente. Seria de supor que nesse clima assassino nada pudesse favorecer uma tendência à reflexão ou à contemplação, no entanto Qom é uma cidade de fervor religioso, de uma ortodoxia radical, uma cidade mística e repleta de militantes da fé. Essa pobre cidadezinha conta com quinhentas mesquitas e os maiores seminários espirituais; é ali que se travam discussões entre os especialistas no Alcorão e os zelosos defensores da tradição; é ali que deliberam os idosos aiatolás, e é dali que Khomeini comanda o país. Ele jamais sai de Qom; não vai à capital. A bem da verdade, não vai a lugar nenhum e não faz visitas sociais a ninguém. No passado, viveu com a esposa e cinco filhos numa casa pequenina em Qom, numa ruazinha de terra batida, estreita, poeirenta e abafada, no centro da qual o esgoto escorria a céu aberto. Agora se mudou para a não muito distante casa de uma de suas filhas, que dispõe de um balcão com vista para a rua. É desse balcão que ele se mostra à multidão de pessoas que chega (a maioria formada por zelosos peregrinos que vêm visitar as mesquitas da cidade sagrada e, acima de tudo, o túmulo da Imaculada Fátima, a irmã do oitavo imã Reza, inacessível aos hereges). Khomeini leva a vida de um asceta: alimenta-se com arroz, iogurte e frutas, e vive num quarto com paredes nuas e sem móveis, exceto um leito e uma pilha de livros. É nesse quarto que ele recebe as visitas (inclusive as mais altas delegações estrangeiras), sentado num cobertor estendido no chão e com as costas apoiadas na parede. De sua janela, tem uma visão das cúpulas das mesquitas e do extenso pátio do madraçal — um cerrado mundo de mosaicos turquesa, de minaretes azul-esverdeados, de frescor e sombra. A

torrente de visitantes e peticionários flui o dia todo e, caso se interrompa, Khomeini vai rezar ou fica meditando, ou então — o que é mais do que compreensível para um ancião na casa dos oitenta anos — tira uma soneca. A única pessoa com acesso irrestrito ao aposento é seu filho mais moço, Ahmed, um clérigo, assim como o pai. O outro filho — o primogênito e a esperança de seu pai — morreu em circunstâncias misteriosas. Segundo dizem, foi emboscado e assassinado pela polícia secreta do xá.

A câmara mostra a praça totalmente ocupada, ombro com ombro. Mostra rostos interessados e sérios. Num lugar mais afastado, separadas dos homens por um significativo espaço vazio, estão as mulheres, envoltas em xadores. O dia não está ensolarado, o ambiente é acinzentado, a cor da multidão é escura e, onde as mulheres estão, negra. Khomeini, como sempre, está vestido com trajes escuros e folgados e um turbante negro na cabeça. Tem o rosto imóvel e pálido e uma barba grisalha. Quando fala, seus braços continuam apoiados nos braços da poltrona — ele não gesticula. Não inclina o corpo nem a cabeça, permanecendo sentado duro como uma pedra. Por vezes enrug a testa larga e ergue as sobrancelhas; além disso, nenhum músculo se move nesse rosto determinado — o inabalável rosto de um homem obstinado e dono de uma firme e inexorável força de vontade, que desconhece qualquer forma de recuo e, até, de hesitação. Nesse rosto, que parece ter se formado de uma só pincelada, inatingível por qualquer tipo de emoção ou humor, incapaz de demonstrar um só estado de espírito que não seja o de atenção retesada ou de concentração interior, apenas os olhos estão em movimento permanente. Seu olhar vivo e penetrante percorre o encrespado mar de cabeças, mede a profundidade da praça, avalia as distâncias de suas margens e continua em frente em sua minuciosa inspeção, como se procurasse uma pessoa específica. Ouço sua voz monótona, pausada, monocromática, de ritmo lento e preciso — uma voz posante, porém comedida, sem grandes voos, sem brilho.

“Do que ele está falando?”, pergunto aos jogadores, quando Khomeini para por um momento e se concentra no que dirá a seguir.

“Ele diz que devemos preservar a dignidade”, responde um deles.

O operador de câmera desloca sua lente para os telhados das casas nas redondezas, sobre os quais se veem jovens armados com metralhadoras e com as cabeças cobertas por panos xadrez.

“E agora, o que ele está dizendo?”, pergunto de novo, pois não entendo parse, a língua na qual o aiatolá discursa.

“Ele diz”, responde outro jogador, “que no nosso país não pode haver lugar para influências estrangeiras.”

Khomeini continua a discursar. Todos o escutam com a maior atenção. Na tela, vê-se alguém impondo silêncio ao bando de crianças que cercam o tablado.

“O que ele está dizendo?”, volto a indagar após algum tempo.

“Que ninguém vai nos dizer o que devemos fazer em nosso próprio país nem vai nos impor nada. Ele está dizendo: ‘Sejam irmãos, formem uma unidade.’”

E isso é tudo o que eles podem me dizer no seu inglês vacilante, pobre e limitado. Todos que estudam inglês devem saber que será cada vez mais difícil comunicar-se nessa língua. Assim como será difícil comunicar-se em francês ou em qualquer outra língua proveniente da Europa. Houve uma época em que a Europa reinava sobre o mundo, despachando seus comerciantes, soldados, missionários e funcionários públicos para todos os continentes e impondo a outros seus interesses e sua cultura (esta última, numa versão bastante duvidosa). Até nos pontos mais distantes do mundo, conhecer uma língua europeia era de bom-tom, demonstrava um alto nível educacional e, frequentemente, era uma necessidade básica de sobrevivência, a possibilidade de obter uma promoção social e profissional, chegando a ponto de

ser condição para alguém ser considerado um ser humano. Eram línguas ensinadas nas escolas africanas, pronunciadas em discursos em parlamentos exóticos, usadas no comércio e nas instituições públicas, nos tribunais asiáticos e nos cafés árabes. Um europeu podia viajar o mundo todo e sentir-se em casa, sempre capaz de emitir sua opinião e compreender o que lhe era dito. Hoje o mundo é diferente — centenas de patriotismos floresceram, e cada país deseja cuidar de seus próprios assuntos, de acordo com suas tradições. Cada país agora tem ambições próprias, cada um é (ou pelo menos almeja ser) livre e independente, salienta de forma positiva seus valores e exige que sejam respeitados. É perceptível o quanto todos se tornaram sensíveis e melindráveis a respeito disso. Até mesmo as nações mais pobres e mais fracas (aliás, principalmente elas) não suportam receber orientações e se revoltam contra os que gostariam de governá-las e lhes impor seus valores (questionáveis, na maior parte das vezes). As pessoas até podem admirar o poder alheio, mas preferem fazê-lo à distância e não desejam de forma alguma que esse poder seja demonstrado em seu território. Cada forma de poder tem uma dinâmica própria, um tipo específico de dominância e de expansionismo, sua inábil insolência e até sua obsessiva necessidade de pôr os mais fracos de joelhos. Como todos sabem, é nisso que consiste o poder do mais forte. Mas o que pode fazer o mais fraco? Somente se isolar. No mundo superlotado e impositivo de hoje, a única forma de o mais fraco se defender, de conseguir manter-se à tona, é separar-se dos demais, colocar-se à margem. As pessoas têm medo de ser engolidas, desnudadas, de passar por um processo de uniformização de seus passos, de seus rostos, de seus olhares, de sua fala. De que lhes ensinem a pensar e a reagir de um modo uniforme, de que lhes mandem verter seu sangue em prol de causas que não são as suas e, finalmente, de se aniquilarem por completo. Daí provêm a dissensão e a revolta, a luta por uma existência independente e

por uma língua própria. Na Síria, foi fechado um jornal francês; no Vietnã, um inglês. E agora, aqui no Irã, um francês e um inglês. No rádio e na televisão, os iranianos se expressam apenas em sua própria língua — o parse. O mesmo ocorre nas coletivas de imprensa. Em Teerã, uma pessoa incapaz de ler o que está escrito na porta de uma loja de artigos femininos poderá acabar presa — como também será preso o homem que ousar adentrá-la. E uma pessoa que não conseguir ler os dizeres “Minas! Entrada proibida!” numa placa perto de Isfahan colocará sua vida em sério perigo.

Houve uma época em que eu viajava pelo mundo com um pequeno rádio de pilha e podia acompanhar tudo o que se passava no planeta apenas sintonizando as emissoras locais de qualquer continente. Hoje, esse rádio — que me foi tão útil — não me serve mais de nada. Quando giro o botão de sintonia, capto dez estações, uma atrás da outra, mas do alto-falante emanam vozes em línguas diferentes, todas incompreensíveis para mim. Ao viajar mais mil quilômetros, escuto dez outras emissoras igualmente impossíveis de ser compreendidas. Quem sabe neste exato momento elas não estejam informando que o dinheiro que eu carrego no bolso deixou de existir? Ou então que eclodiu uma nova guerra mundial?

O mesmo ocorre com a televisão. A qualquer hora, não importa em que lugar do mundo, vemos na tela uma multidão infindável de pessoas dizendo algo, tentando nos persuadir de alguma coisa, gesticulando, fazendo caretas, sorrindo, meneando a cabeça, apontando, enquanto ficamos sem saber do que se trata, o que querem de nós, em nome de que causa nos convocam. É como se toda essa multidão fosse composta de seres de um planeta distante, um enorme exército de relações-públicas de Vênus ou Marte. No entanto, são nossos irmãos, fazem parte da nossa espécie, têm ossos e sangue como nós e também movem os lábios para emitir sons — só que não entendemos o que dizem. Em que língua será

travado o diálogo universal da humanidade? Centenas lutam por reconhecimento e promoção. Erguem-se barreiras linguísticas; a incompreensão e a surdez adquirem proporções cada vez maiores.

Após uma curta interrupção na qual são mostrados campos cheios de flores (as pessoas daqui adoram flores, e os túmulos de seus maiores poetas estão situados em jardins exuberantes, coloridos), aparece na tela a fotografia de um jovem. Ouve-se a voz do locutor.

“O que ele está dizendo?”, pergunto aos jogadores de cartas.

“Ele está dizendo o nome e o sobrenome daquele homem e contando quem ele foi.”

A fotografia é seguida por outra, outra e mais outra. São fotos recortadas de carteiras de estudantes, retiradas de porta-retratos, instantâneos feitos em cabines automáticas, fotos com ruínas em segundo plano, um retrato de família com uma setinha apontando para uma jovem quase oculta por um parente. Cada foto permanece na tela por alguns segundos, enquanto ouvimos a voz do locutor recitar uma extensa lista de nomes.

Os pais buscam informações. Estão atrás dos filhos há vários meses, mantendo uma esperança que, certamente, ninguém mais sustenta. As pessoas das fotos desapareceram em setembro, dezembro, janeiro — ou seja, nos meses em que se travaram os combates mais intensos, quando incêndios não cessavam nas cidades. Tudo indica que tenham marchado nas primeiras fileiras dos manifestantes, indo direto ao fogo das metralhadoras, ou então que foram atingidas por franco-atiradores distribuídos estrategicamente nos telhados. É de se supor que esses rostos tenham sido vistos pela última vez pelos olhos de um soldado, na mira de sua arma.

As fotos se sucedem. Trata-se de um programa diário, e no decorrer dele o locutor nos apresenta a um número cada vez maior de pessoas que já não existem.

Um novo campo florido e, no momento seguinte, a segunda atração do programa noturno. Mais uma vez fotografias, agora, porém, de pessoas completamente diferentes. São, em sua maioria, homens mais velhos e de aparência negligente, vestidos com roupas desalinhadas (colarinhos amassados, casacos de zuarte sujos e amarrotados), olhares cheios de desespero, rostos encovados, não barbeados — e um ou outro barbudo. Cada um traz pendurado no pescoço um pedaço de cartolina com seu nome e sobrenome. Quando um rosto específico surge na tela, um dos jogadores observa: “A-há, então é *ele!*”, e todos olham para o televisor com atenção redobrada. O locutor lê os dados pessoais e descreve os crimes que cada um cometeu. O general Mohammed Zand deu ordem de abrir fogo contra uma manifestação pacífica em Tabriz, matando centenas de pessoas. O major Hossein Farzin torturava os prisioneiros queimando suas pálpebras e arrancando suas unhas. O locutor informa que, poucas horas antes, o pelotão de fuzilamento da milícia islâmica executara a sentença determinada pelo tribunal, que os condenara à morte.

Durante esse desfile dos bons e maus ausentes, o ar no saguão vai se tornando cada vez mais denso e carregado, principalmente porque a roda da morte continua girando e cuspidando mais e mais fotografias (algumas já desbotadas e outras bem recentes — as da escola e as da prisão). Essa procissão de rostos imóveis e silenciosos ao mesmo tempo me deprime e me absorve, a tal ponto que chego a imaginar que a qualquer momento vou ver na tela a fotografia dos jovens sentados ao meu lado e depois a minha, e ouvir o locutor mencionar nossos nomes.

Volto ao primeiro andar, atravesso o corredor deserto e me tranco no meu quarto bagunçado. Como é costume àquela hora, de alguma parte da cidade invisível chega até mim o som de um tiroteio. Tiros são disparados regularmente todas as noites. Comecem cerca de nove horas, como se fossem parte de um antigo

costume ou de um acordo recente. Depois, a cidade emudece, para logo em seguida voltarmos a ouvir tiros e até algumas explosões. Ninguém se preocupa com isso, ninguém dá atenção a isso nem considera que seja algo que possa representar perigo (ninguém, exceto aqueles atingidos pelas balas). Desde meados de fevereiro, quando eclodiu o levante e a multidão saqueou o arsenal de munições, Teerã passou a ser uma cidade armada, em permanente estado de tensão. Ao abrigo da escuridão, nas ruas e nas casas desenrola-se uma trama de assassinatos; cabeças que ficaram de tocaia durante o dia emergem e grupos armados que se escondiam avançam sobre a cidade.

Essas noites intranquilas condenam as pessoas a uma prisão domiciliar, obrigando-as a permanecer trancadas a sete chaves. Embora não haja um toque de recolher oficial, andar pelas ruas entre a meia-noite e o raiar do sol pode ser difícil e arriscado. Nesse intervalo, a cidade — atocaiada e imóvel — encontra-se nas mãos da milícia islâmica ou de grupos independentes de guerrilheiros. Nos dois casos, trata-se de grupos de jovens muito bem armados que incessantemente apontam armas para nós, submetem-nos a intermináveis interrogatórios, confabulam e, de vez em quando e só por via das dúvidas, acabam nos encaminhando para a prisão — da qual, depois, é muito difícil sair. Para piorar as coisas, nunca sabemos quem são nossos captores, já que os representantes da violência com que deparamos não portam nenhum sinal de identificação; não há uniformes nem quepes, braçadeiras nem insígnias — são simplesmente civis armados, cuja autoridade deve ser aceita sem questionamento, caso prezemos nossa vida. Com o tempo, começamos a nos orientar e aprendemos a classificá-los. Por exemplo, esse senhor elegante, vestido com um terno de domingo, camisa branca e uma gravata muito bem ajustada, esse senhor distinto que anda pela calçada com um rifle pendurado no ombro, é com certeza um miliciano de um dos mi-

nistérios ou das repartições centrais. Já o garoto com o rosto coberto por uma máscara (uma meia de lã enfiada na cabeça com aberturas para os olhos e a boca) é membro de um grupo de fedaim locais, que não conhecemos nem de vista nem de nome. Não temos certeza de quem possam ser os homens que, vestidos com casacos verdes de uniformes americanos, passam a toda a velocidade em automóveis com canos de armas automáticas apontados para fora. Tanto podem ser milicianos como membros de um dos inúmeros bandos de oposição (fanáticos religiosos, anarquistas, alguns remanescentes da Savak*) que, com determinação suicida, estão sempre prontos a perpetrar algum ato de sabotagem ou de vingança.

A bem da verdade, não faz nenhuma diferença quem vai nos preparar uma cilada ou de quem é a armadilha na qual acabamos caindo (seja oficial ou ilegal). Esse tipo de adivinhação não diverte ninguém; para evitar surpresas, as pessoas preferem se entrincheirar em suas casas à noite. O meu hotel também está fechado (a esta hora o som de disparos se mistura aos sons de persianas sendo abaixadas e ao barulho de portões e portas batendo). Ninguém vai chegar, nenhum amigo vai me fazer uma visita. Não tenho com quem conversar e permaneço sozinho num quarto vazio, olhando para anotações e fotografias espalhadas sobre a mesa e escutando conversas gravadas em fitas magnéticas.

* Polícia secreta do Irã, conhecida por sua selvageria nas sessões de tortura e nas execuções dos opositores ao regime do xá. (N. T.)